

Língua, sujeito e história: a construção de significados na Pandemia do Coronavírus

Language, subject and history: the construction of meanings in the Pandemic of the Coronavirus

Daiany Bonácio¹

Resumo

O momento histórico denominado Pandemia do Coronavírus modificou não apenas os hábitos dos indivíduos, mas também os sentidos produzidos pela língua, afetando diretamente na formação de novos vocábulos, arranjos sintáticos, atribuindo significações inéditas a enunciados já cristalizados. Esse estabelecimento de novas relações de sentido na pandemia chamou a nossa atenção. A partir dessa inquietação, o presente estudo tem por objetivo analisar como a historicidade pandêmica vivenciada age diretamente na construção dos significados do português brasileiro em seus processos morfológicos, sintáticos e semânticos. O aparato teórico escolhido para embasar esta pesquisa consiste em alguns conceitos desenvolvidos por Michel Foucault, em sua fase arqueológica, como enunciado, função enunciativa e historicidade. Ponderamos que as referidas noções são capazes de auxiliar na compreensão das alterações linguísticas desencadeadas pela pandemia. O resultado encontrado foi que vislumbramos os falantes, de modo orgânico e espontâneo, apropriando-se das regras linguísticas e realizando mudanças vívidas, refletindo a relação entre língua e história.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Coronavírus; Língua; História.

Abstract

The historical moment called the Coronavirus Pandemic changed not only the habits of individuals, but also the meanings produced by the language, directly affecting the formation of new words, syntactic arrangements, attributing unprecedented meanings to already crystallized utterances. This establishment of new relationships of meaning in the pandemic caught our attention. Based on this concern, the present study aims to analyze how the pandemic historicity experienced acts directly in the construction of meanings in Brazilian Portuguese in its morphological, syntactic and semantic processes. The theoretical apparatus chosen to support this research consists of some concepts developed by Michel Foucault, in his archaeological phase, such as enunciation, enunciative function and historicity. We consider that the referred notions are able to help in the understanding of the linguistic changes initiated by the pandemic. The result found was that we envision the speakers, in an organic and spontaneous way, appropriating the linguistic rules and making vivid changes, reflecting the relationship between language and history.

Keywords: Discourse Analysis; Coronavirus; Language; History.

¹ Doutora em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil. Professora na Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, Paraná, Brasil. *E-mail:* daiany@uel.br

Introdução

O momento histórico denominado Pandemia do Coronavírus modificou não apenas os hábitos dos indivíduos, mas também os sentidos produzidos pela língua, afetando diretamente na formação de novos vocábulos, arranjos sintáticos, atribuindo significações inéditas a enunciados já cristalizados. A partir desse cenário, o presente estudo tem por objetivo analisar como a historicidade pandêmica vivenciada age diretamente na construção dos significados. É legítimo refletir sobre como são concebidas as significações e ressignificações do português brasileiro, bem como a relação entre língua, sujeito e história na esfera “pandemia”. Visando compreender a materialidade linguística inserida na trama histórica, decidimos eleger alguns conceitos do filósofo francês Michel Foucault, em sua fase arqueológica, como aparato teórico. Ponderamos que as noções de historicidade, função enunciativa e enunciado desenvolvidos pelo referido estudioso são capazes de auxiliar na compreensão dessas mudanças significativas ocorridas na língua. A partir dos conceitos mencionados, poderemos analisar com quais outros discursos os enunciados que refletem o momento histórico se relacionaram, evidenciada a memória discursiva. O prefixo PAN (+endemia) utilizado para nomear os acontecimentos desencadeados pelo coronavírus também se expandiu para os fatos linguísticos, os quais não escaparam à historicidade; é difícil mensurar quais sentidos não foram atingidos por esse evento. Desse modo, também buscamos compreender qual é o cenário de coexistência do surgimento de novas significações na Pandemia do Coronavírus, na ânsia de refletir acerca dos diferentes domínios que esse tema se uniu para produzir novos sentidos. Os indivíduos não têm escolhas: as propagandas, as notícias, as conversas do cotidiano, a produção de humor, enfim, tudo está sendo guiado pelo momento pandêmico, evidenciado que o dizer não é livre, mas determinado historicamente. O *corpus* a ser analisado é composto por enunciados que demonstram mudanças linguísticas a partir do acontecimento discursivo da Pandemia do Coronavírus.

A função enunciativa: ferramenta para compreender as mudanças linguísticas provocadas pela Pandemia do Coronavírus

As novas palavras e ressignificações que emergiram no contexto da Pandemia do Coronavírus têm algo em comum: são um conjunto de signos em função enunciativa. Isso significa que esses signos adquiriram o estatuto de enunciado, conforme nos ensina Foucault em seu livro *Arqueologia do Saber*. O enunciado é o que faz com que o conjunto de signos exista e que as formas da língua se atualizem e formem os já ditos. De acordo com Foucault (2008, p. 99), “É esse modo singular de existência, característico de toda série de signos, desde que seja enunciada [...]”. Dito de outro modo, o conjunto de signos precisa ser materializado por uma posição de sujeito imersa em um momento histórico determinado para ser considerado um enunciado. Essas características descritas nos levam para o conceito de historicidade. Na visão de Foucault (2008), é imperante investigar quais regras históricas permitiram a aparição de um determinado enunciado e não outro em seu lugar, procurando compreender como a historicidade vivenciada produziu mudanças linguísticas e discursivas, evidenciando que, ao mudar as condições de produção do discurso, os signos também mudam de sentido. A esse respeito, Gregolin (2004a, p. 32) assevera que: “Para Foucault, entre o enunciado e o que ele enuncia não há apenas relação gramatical, lógica ou semântica; há uma relação que envolve os sujeitos, que passa pela História, que envolve a própria materialidade do enunciado”.

Foucault (2008) apregoa que a formação de um novo objeto do discurso (sobre o que se fala) precisa entrar na trama histórica, associando-se a outros assuntos. Nesse sentido, o objeto do discurso “pandemia do coronavírus” entrou em contato com os assuntos/temas já existentes e foi incorporado de tal forma que os indivíduos rapidamente se sentiram aptos a produzirem novos vocábulos, piadas, propagandas, associações diversas, colocando em prática a criatividade, uma das características

da linguagem humana² (Chomsky, 1965). Isso nos fez pensar que, para analisar essas novas palavras nos limites do discurso, seria preciso observar a função enunciativa (Foucault, 2008) desses enunciados. Gregolin (2004b), referindo-se ao método foucaultiano de análise, revela que o trabalho do arqueólogo – na busca de elementos que possam ser articulados entre si – é investigar as diferentes modalidades de discursos que circulam em uma determinada época.

A produção de enunciados pelos sujeitos ao falar sobre a pandemia não descolou da historicidade e pode nos mostrar as características da função enunciativa, conforme ensina Foucault (2008). Segundo o arqueólogo dos saberes, a função enunciativa possui como característica: a) ter um modo singular de existência, b) ter um sujeito do enunciado, c) ter um domínio associado e d) ter uma existência material. Falemos de cada uma dessas características e como elas podem nos auxiliar a observar essa relação da língua com a história no contexto da pandemia.

Segundo Foucault (2008), para analisar o **modo singular de existência** de um enunciado é preciso questionar: o que possibilitou a existência deste enunciado e não outro em seu lugar? Que regras históricas o fez surgir? Que espaço de diferenciação/singularidade ele ocupou? Desse modo, ensina Foucault (2008, p. 31), é preciso:

[...] compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado [...].

O modo singular de existência:

Está antes ligado a um ‘referencial’ que não é constituído de ‘coisas’, de ‘fatos’, de ‘realidade’, ou de ‘seres’, mas de leis de possibilidade, de regras de existência para os objetos que aí se encontram nomeados, designados ou descritos,

para as relações que aí se encontram afirmadas ou negadas (Foucault, 2008, p. 103).

Ao analisar os enunciados selecionados para esse estudo, devemos observar os seus espaços de diferenciação, uma vez que o próprio enunciado fará aparecer as diferenças, o porquê ele pode ser considerado singular. Foucault explica haver uma condição para que um enunciado possa surgir: ele precisa fazer parte, ser aceito nesse novo campo discursivo; por conseguinte, “Pode-se dizer, de modo geral, que uma sequência de elementos linguísticos só é enunciado se estiver imersa em um campo enunciativo em que apareça como elemento singular” (Foucault, 2008, p. 111).

A segunda característica a ser observada é o **sujeito do enunciado**. No referido item, Foucault (2008) discute acerca da pessoa do discurso que assume o enunciado para si. De acordo com o autor, todo enunciado precisa de uma posição de sujeito autorizada. À vista disso, o sujeito do enunciado não pode ser reduzido às pessoas gramaticais da frase (eu, tu, ele), tampouco ser reduzido ao indivíduo real, àquele que toma a palavra e materializa o dizer, porque todo enunciado possui a função-autor, a qual representa uma posição social que se repete socialmente.

Ao assumir o dizer para si, o indivíduo ocupa a função-autor de um enunciado historicamente construído, representando um discurso. Nesse sentido, ensina Foucault (2008), para que uma série ordenada de signos exista é preciso que alguém materialize o dizer, dando existência ao enunciado. Esse indivíduo representa um discurso, uma formação discursiva e recebe o nome de posição de sujeito. A partir desses ensinamentos, ao olhar para um enunciado, devemos nos perguntar: quem exerce a função-autor do enunciado em análise? Quem é o sujeito do enunciado em estudo? Que voz social ele representa ao dizer o que diz? A tarefa do analista do discurso é identificar o lugar social

² Para Chomsky (1965), todo falante nasce com uma competência comunicativa, sob a forma de uma sistema de regras, que o permite formar um conjunto infinito de palavras, a partir de uma número finito de regras; nisso reside a criatividade da linguagem humana.

(posição de sujeito) que o indivíduo ocupa para dizer o que diz. Desse modo, veremos que o indivíduo empírico serviu como veículo para representar um discurso historicamente constituído. Toda a produção de enunciados implica que alguém, um indivíduo assumia essa função-autor, isto é, o emissor de signos, aquele “eu” o qual materializa o dizer edificado historicamente:

Não é preciso, pois, conceber o sujeito do enunciado como idêntico ao autor da formulação, nem substancialmente, nem funcionalmente. Ele não é, na verdade, causa, origem ou ponto de partida do fenômeno da articulação escrita ou oral de uma frase; não é, tampouco, a intenção significativa que, invadindo silenciosamente o terreno das palavras, as ordena como o corpo visível de sua intuição; não é o núcleo constante, imóvel e idêntico a si mesmo de uma série de operações que os enunciados, cada um por sua vez, viriam manifestar na superfície do discurso. É um lugar determinado e vazio que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes [...] (Foucault, 2008, p. 107-108).

A terceira característica da função enunciativa propõe que seja observado o **domínio associado**, buscando depreender com quais outros domínios um enunciado estabeleceu relações. Foucault (2008) apregoa que a função enunciativa tem como uma de suas propriedades o fato de ela precisar coexistir com outros enunciados, uma vez que o sentido do enunciado depende muito da memória discursiva, dos interdiscursos com os quais ele se associa. Nesse sentido, um enunciado está sempre povoado de outros enunciados, constituindo uma trama complexa, formando um campo associado que:

É constituído, também, pelo conjunto das formulações a que o enunciado se refere (implicitamente ou não), seja para repeti-las, seja para modificá-las ou adaptá-las, seja para se opor a elas, seja para falar de cada uma delas; não há enunciado que, de uma forma ou de outra, não reatualize outros enunciados (Foucault, 2008, p. 111).

Com esse olhar, percebemos qual é o cenário de coexistência do surgimento dos novos sentidos na pandemia, observando que, ao analisar um

enunciado, o analista deve ir muito além da análise do contexto imediato:

[...] um enunciado tem sempre margens povoadas de outros enunciados. Essas margens se distinguem do que se entende geralmente por ‘contexto’ – real ou verbal – isto é, do conjunto dos elementos de situação ou de linguagem que motivam uma formulação e lhe determinam o sentido (Foucault, 2008, p. 110).

O surgimento de um enunciado deve fazer parte de uma trama complexa, estabelecendo uma relação de repetição, oposição ou transformação ao que está sendo retomado, uma vez que essa memória retomada não volta somente fazendo lembrança: o enunciado rememorado retorna provocando mudanças. Ademais, sempre abre possibilidade para enunciados futuros, réplicas, respostas, produzindo uma sequência natural. Essa relação entre o passado e o futuro que pode ser produzida faz com que Foucault afirme que o enunciado está sempre imerso em um jogo enunciativo:

De início, desde sua raiz, ele se delinea em um campo enunciativo onde tem lugar e *status*, que lhe apresenta relações possíveis com o passado e que lhe abre um futuro eventual. Qualquer enunciado se encontra assim especificado: não há enunciado em geral, enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo, onde tem sua participação, por ligeira e ínfima que seja (Foucault, 2008, p. 111-112).

Por conseguinte, a enunciação não é livre: para haver enunciado, é preciso que ele seja relacionado a um campo adjacente. A partir disso, uma de nossas tarefas é observar qual é o cenário de coexistência dos enunciados escolhidos para a análise.

A quarta característica da função enunciativa é ter uma **existência material**. Nesse sentido, devemos nos questionar: qual é a materialidade do enunciado? Linguística? Sonora? Imagética? O enunciado precisa ser materializado por uma voz, uma imagem, letras, enfim, precisa ser registrado,

deixando marcas na memória e no espaço. Foucault (2008) explica que uma mesma frase pronunciada/escrita por pessoas diferentes, ou até pelo mesmo indivíduo, não é o mesmo enunciado: há uma nova enunciação cada vez que os signos são materializados, porque a enunciação é um acontecimento que não se repete. Quando algum desses elementos muda, a identidade do enunciado muda também, já que a sua materialidade é capaz de produzir diferentes sentidos.

No próximo item, apresentaremos a análise, a qual busca evidenciar as alterações linguísticas vistas a partir das concepções foucaultianas apresentadas nessa seção.

Nos limites do discurso: mudanças linguísticas analisadas pelo viés discursivo

No início do ano de 2020, a doença causada pelo coronavírus (SARS-CoV-2) se espalhou por vários países e regiões do mundo, sendo caracterizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma pandemia. Com o objetivo de compreender como esse fenômeno produziu sentidos na língua, formamos um *corpus* de análise. O critério de seleção foi determinado a partir das mudanças linguísticas que vimos emergir no referido momento histórico. Não temos a pretensão de dar conta de todos os fenômenos linguísticos desencadeados pela pandemia. Estamos diante de muitas alterações na língua as quais refletem a historicidade, por isso escolhemos alguns enunciados para representar um gesto de interpretação sobre o acontecimento discursivo em questão.

Com base no material colhido, decidimos categorizar³ o *corpus* da seguinte forma: 1) novos sentidos para enunciados já conhecidos, 2) formação de novas palavras e 3) modificações na estrutura da língua. Amparados pela noção de função enunciativa, procederemos à análise seguindo os 4 pontos estabelecidos por Foucault (2008) para a referida noção: a) ter um modo singular de existência, b) ter um sujeito do enunciado, c) ter um domínio associado e d) ter uma existência material. A seguir, apresentamos o *corpus*:

1) Novos sentidos para enunciados já conhecidos: escolhemos os enunciados “Fique em casa” e “*Sommelier*” para representar esse tema. O enunciado “fique em casa” pode ser pensado como emblemático do momento pandêmico, uma vez que o ato de não ter contato com as pessoas foi a primeira medida sanitária adotada pelas instituições competentes para conter a disseminação do vírus. O referido enunciado não tinha esse sentido antes da pandemia: ele representava o ato de permanecer em casa por motivos aleatórios; nada que lhe atribuísse um sentido marcante. Com a emergência da Covid-19, “fique em casa” passou a ser utilizado como uma arma para combater o vírus. Ele foi repetido inúmeras vezes e, a cada nova enunciação, tornava-se único: pronunciado por sujeitos diferentes, em contextos diferentes, ele gerou efeitos de sentidos diversos. Discursivamente falando, “fique em casa” é um novo acontecimento cada vez que é pronunciado. Vejamos alguns exemplos em que o referido enunciado foi utilizado:

Quadro 1 - Enunciações de “fique em casa”.

- Afirmação do ex-presidente Bolsonaro: “Alguns idiotas até hoje <u>ficam em casa</u> ” (Alguns [...], 2021, grifo nosso).
- Instagram do Senado Federal: “Vai <u>ficar em casa</u> ? Aproveite para fazer cursos gratuitos na internet.” (Senado Federal, 2021, grifo nosso).

Continua

³ Para estabelecer essas categorias de análise, pautamo-nos em algumas estruturas fundamentais de um sistema linguístico: semântica, morfologia e sintaxe.

Continuação

- **Campanha comunitária de prefeitura:** “Fique em casa! É a melhor forma de se afastar do vírus.” (São Gabriel, 2020, grifo nosso).

- **Propaganda de produto contra prisão de ventre:** “Ficar em casa agora é uma boa ideia, mas seu intestino não pode se sentir preso.” (Dulcolax [...], 2021, grifo nosso).

Fonte: autores.

Ao analisarmos o critério a), o modo singular de existência de “fique em casa”, vemos que o enunciado deixou de ser utilizado para aludir a situações aleatórias do cotidiano e passou a ser utilizado em situações que envolviam a pandemia, funcionando como uma marca registrada. A sua singularidade é instaurada quando as instituições sanitárias determinam que “ficar em casa” era a medida que salvaria a vida das pessoas. Como consequência, um novo sentido foi incorporado ao referido enunciado: salvar vidas, evitar mortes pelo coronavírus, adquirindo um significado inédito. Nisso reside o espaço de diferenciação de que nos fala Foucault (2008): marcar o início das medidas de proteção contra um vírus letal. Tal sentido para o enunciado “fique em casa” foi disseminado nas mídias em geral, pelos mais variados sujeitos, como podemos constatar no exemplo “Fique em casa! É a melhor forma de se afastar do vírus.”, publicado no *site* da prefeitura do município de São Gabriel, estado da Bahia. A condição de existência e circulação desse enunciado está, inicialmente, pautada em uma campanha de saúde e parte de um discurso médico-científico, excluindo a possibilidade de uma via adversa que contrariaria a eficácia do isolamento domiciliar para mitigar os avanços da doença Covid-19. Como consequência, o referido enunciado fixou seu significado para o momento histórico, tornando-se singular e emblemático do referido acontecimento. Ademais, associou-se ao discurso médico e científico, circulando, sobretudo, nesse campo discursivo.

Em relação ao critério b), posição de sujeito do enunciado, notamos que, a partir dos exemplos apresentados no Quadro 1, várias posições de sujeito se aproveitaram desse enunciado para marcar os discursos que estavam influenciando o seu dizer.

Se partirmos somente dos exemplos apresentados, veremos que a posição de sujeito presidente da República, preocupado com a economia de seu país, valeu-se do enunciado para criticar as medidas sanitárias adotadas; um anunciante aproveitou o enunciado para vender um produto de tratamento para prisão de ventre; o Senado Federal, influenciado pelos discursos educacional e profissional, incentivou as pessoas a se profissionalizarem durante o período de isolamento e, por fim, a prefeitura de um município defendeu as medidas indicadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como ferramenta eficaz contra o colapso do sistema de saúde, marcando o discurso médico. Citamos 4 posições de sujeito se utilizando desse enunciado para defender discursos específicos; com certeza, se continuássemos a pesquisa, encontraríamos outros discursos sendo representados pelo enunciado em análise. Isso mostra como “fique em casa” é representativo da historicidade vivenciada.

Como todo enunciado se associa a um domínio (critério c), “fique em casa” se relaciona, originalmente, ao discurso médico-científico e com esse coexiste, sendo aceito nesse campo discursivo. No entanto, como ensina Foucault (2008), todo enunciado possibilita futuras relações: seja para se opor, replicar ou modificar o seu sentido original. Esse enunciado que, no primeiro momento foi usado para salvar vidas, deslizou para outros discursos, produzindo ressignificações e atestando o cenário de coexistência dos enunciados como Foucault (2008) defendeu. Investigamos o domínio associado produzido por “fique em casa” e vimos que foi bem produtivo, deslizando do seu sentido original estabelecido na pandemia. Colhemos alguns exemplos a serem observados a seguir:

Quadro 2 - Resignificações do enunciado “fique em casa”.

- Anúncio de um consultório médico: Não precisa sair de casa. Eu vou até você (Drclaudiowiens, 2020).
- Postagem humorística em redes sociais: Planta o cu em casa (Marialourdessimao102019, 2020).
- Postagem realizada em um blog: Este ano é cada um na sua toca! Feliz Páscoa (Este [...], 2021) .
- Postagem humorística em redes sociais: Ces fica quietin dêndicasa (Pelas Estradas de Minas, 2021).
- Campanha comunitária divulgada em site de uma prefeitura: Obedeça o isolamento e fique em casa (Sítio do Quinto, 2022).
- Postagem realizada em redes sociais: Recolham-se (Paróquia N. Sra. de Guadalupe, 2022).
- Postagem humorística em redes sociais: Dendicasa é dendicasa não é na casa dozoto (Ironia dos Minions, 2020).
- Postagem realizada em um blog: A pessoa confinada aqui saúda a pessoa confinada aí (A Pessoa [...], 2021).
- Texto veiculado em uma charge: Tem gente que pode ficar em casa, mas não quer / Gente que queria ficar em casa, mas não pode / E gente que nem tem casa pra ficar (Nando Mota, 2021).
- Anúncio de delivery de farmácia: Não saia de casa, a gente vai até você (Farmácias Vale Verde, 2021).
- Postagem realizada em um blog: Arraiá da pandemia: atenção pessoal da terceira idade: neste São João, fique na sua casa, senão você pode conhecer São Pedro pessoalmente (Ifunny, [2020]).

Fonte: autores.

As ressignificações apresentadas para o enunciado “fique em casa” apontam para sentidos que deslizaram na direção de diferentes discursos: publicitário, humorístico, religioso, social, cultural, médico, dentre outros. Além disso, emergiu o uso de outras palavras para se referir ao mesmo ato, como é o caso de “recolham-se”, “obedeça o isolamento”, “planta o cu em casa”, “dendicasa” “pessoa confinada”. Nota-se que todos os dizeres apresentados partem do enunciado “fique em casa”, mas interagem de diferentes maneiras com os mais variados discursos. Vejamos, por exemplo, que os dizeres: “Não precisa sair de casa. Eu vou até você” e “Não saia de casa, a gente vai até você” relacionam o discurso publicitário ao discurso da saúde, agindo para se aproveitar da campanha sanitária de mitigação da propagação do vírus, utilizando-se dela como ação de *marketing* para seus comércios/produtos, valendo-se de verbos no imperativo e com apelo conativo ao público. Outros dizeres como “Planta o cu em casa”, “Este ano é cada um na sua toca”, “Cês fica quietin dêndicasa”, “Recolham-se” e “Dendicasa é dendicasa não é na

casa dozoto” são frases que podem se associar ao domínio da fala popular, em que cada uma das sentenças busca reproduzir o dialeto e a fonética de diferentes regiões do Brasil, ao passo que também se associam à campanha de saúde, que visa informar a importância do isolamento no apogeu da Pandemia do Coronavírus. Vale notar que os enunciados mencionados não existem de forma isolada, eles formam o nó em rede, a trama complexa de que nos fala Foucault (2008), constituindo uma grande teia de discursos em coexistência.

No tocante à existência material (critério d) desse enunciado, Foucault (2008) solicita que olhemos para a substância escolhida pelos sujeitos para materializar o discurso: quais recursos linguísticos e imagéticos foram utilizados e quais efeitos de sentidos essa escolha produziu. Ao analisar a composição linguística de “fique em casa”, percebemos que se trata do verbo “ficar” utilizado no modo imperativo afirmativo, o qual sugere um conselho, um pedido, a fim de que a pessoa adote tal atitude de isolamento diante de um perigo iminente. Já “em casa”, um advérbio de lugar, aponta

para um lugar fixo, demonstrando ser um ambiente seguro para se proteger da Covid-19.

A cada relação que “fique em casa” estabeleceu, novos efeitos de sentidos foram gerados, como pudemos notar nos exemplos apresentados no Quadro 1: discurso político-econômico, educacional, médico-científico, publicitário, demonstrando que a materialidade linguística a qual denota pedido de isolamento social nem sempre foi utilizada para este fim. É o caso da fala de Jair Bolsonaro. Ao inserir o enunciado “fique em casa” em sua fala, em nenhum momento ele estava incentivando as pessoas a ficarem em casa e se protegerem do vírus; pelo contrário, ele ofendeu quem teve tal atitude, nomeando-o de idiota. Ao lançar um olhar para o enunciado “Alguns idiotas até hoje ficam em casa”, proferido no dia 17 de maio de 2021 pelo então presidente do Brasil, estampado em manchete do jornal *A Gazeta*, é possível inferir que, dado o momento político-histórico conturbado

da Nação somado ao posicionamento antivacina e minimista de Bolsonaro, a existência de tal enunciado modifica o sentido original de conselho e prevenção do vírus e passa a fazer parte de uma crítica a quem seguiu tal recomendação. O efeito de sentido produzido é a materialização de um discurso negacionista feita por uma posição de sujeito mais preocupado em salvar a economia de seu país do que as vidas das pessoas. Enquanto o presidente da República investiu no tom de deboche e escárnio ao usar “fique em casa”, as outras posições de sujeito apresentadas nesse estudo se valeram da linguagem apelativa/conativa a fim de incentivar as pessoas a se isolarem e aproveitarem o momento para estudar, cuidar de seu intestino e proteger suas vidas. Como consequência, é instaurado um conflito entre os discursos político-econômico X discurso médico.

Em relação ao enunciado “*sommelier*”, vejamos alguns momentos em que ele foi utilizado:

Figura 1 - *Sommelier* de vacina.



Fonte: Prefeitura de Salvador (2021); Flávia Cabral (2021).

Acerca desse termo, observamos que, a partir do momento em que as pessoas começaram a escolher a marca da vacina que queriam tomar, surgiu um novo significado para ele: o especialista em vacina. O uso desse sentido emergiu para realizar uma crítica a essas pessoas, uma vez que, com um vírus letal assombrando suas vidas, não era o momento adequado para escolher a marca do imunizante.

O modo singular de existência do referido enunciado (critério a) reside no fato de ele sair do

discurso profissional (especialista em bebidas alcoólicas) para figurar no discurso médico-científico (especialista em vacinas). A materialidade de *sommelier* passou a se unir a palavras que denotam críticas e escárnio às pessoas que desejam escolher a marca da vacina a ser tomada, sem ter o conhecimento técnico para tal ato. O efeito de sentido construído é chamar a atenção dos indivíduos para algo que eles não têm competência. Com o risco iminente de contrair um vírus letal, não é coerente

escolher qual imunizante tomar, já que o importante é estar protegido, independentemente da marca. Os exemplos mencionados demonstram que o enunciado em análise vem acompanhado de uma explicação do que seria esse *sommelier* de vacina. No primeiro enunciado, vislumbramos uma definição crítica do “*sommelier*” veiculada pela campanha comunitária “7 perfis de *sommelier* de vacina” realizada pela prefeitura de Salvador, Bahia, a partir da escolha de adjetivos pejorativos – “o esquecido”, “agente do caos”, “desalinhador de Chakras”, “o aventureiro”, “o desocupado”, “o egoísta”, “roteador de Covid” – de modo a construir uma imagem negativa para quem almeja ocupar a posição. No segundo enunciado, temos um Ofício encaminhado ao Poder Público, o qual: “Solicita ao Poder Executivo que inclua para o final da fila de imunização as pessoas que se recusarem a tomar a vacina em razão da marca. [...]”, demonstrando que há uma punição social para quem desejar escolher o imunizante por causa de sua marca.

Em relação ao critério b), sujeito do enunciado, estamos diante de duas posições de sujeitos a serem ocupadas: quem critica o *sommelier* e quem anseia ocupar essa função. Os indivíduos que criticam o *sommelier*, a partir das pesquisas que realizamos, são compostos pelos verdadeiros especialistas no assunto: cientistas ou por quem está interpelado pelo discurso científico, como as prefeituras e as pessoas comuns que se utilizaram dessa metáfora para criticar os “falsos especialistas”. Há ainda, os sujeitos que desejam ocupar a

posição de especialista sem o ser e que baseiam suas escolhas em achismos e informações sem comprovação científica.

Com o surgimento do *sommelier* de vacina, vemos que o referido enunciado saiu do campo profissional das bebidas alcoólicas e passou a figurar nos discursos científicos, no tocante a imunizantes. Como consequência, ampliou-se o domínio associado (critério c) do enunciado em análise, já que ele também passou a figurar em discursos científicos. Essa análise nos encaminha para o critério d) ter um existência material: ao realizar uma busca nos dicionários, encontramos que *sommelier* é uma palavra de origem francesa utilizada para designar o profissional especializado em bebidas alcoólicas. Em nosso exemplo, observamos que essa materialidade linguística ganhou novos significados com a emergência da Pandemia do Coronavírus.

2) Formação de novas palavras: a Pandemia do Coronavírus possibilitou a formação de várias palavras. Elegemos duas que foram muito produtivas para representar esse momento histórico: cloroquina e coronavírus. Por meio do processo de formação de palavras denominado *composição* (BASILIO, 2003) essas duas palavras puderem formar novos vocábulos. Selecionamos os exemplos chloroquiners, coronagado, cloroquito, cloronise, coronafest, coronials e clorocana para representar esse tema. Vejamos em quais condições de produção as composições foram utilizadas a partir da Figura 2 abaixo:

Figura 2 - Formação de palavras.



Continua

Continuação



Fonte: Capobianco (2020); Chargistassensatos (2021); Olavo Oliveira (2021); Mmocanus (2021); Araújo (2020); Braun (2021); Buteco do Max (2021).

Retomemos os 4 princípios da função enunciativa elaborados por Foucault (2008) para analisar a formação de novas palavras na pandemia. Em relação ao modo singular de existência (princípio a) dessas composições, podemos dizer que a singularidade delas reside no fato de termos duas palavras do discurso da ciência (o fármaco cloroquina e o vírus corona) unindo-se a temas do cotidiano para produzirem críticas sociais ou análises de um momento histórico. Os vocábulos cloroquina e coronavírus extrapolaram o seu campo discursivo de costume para figurar em outros discursos, no intuito de produzir sentidos ligados à pandemia. Nisso, vislumbramos os espaços de diferenciação e singularidade das referidas composições.

As posições de sujeito (princípio b) que formaram novas palavras são constituídas por chargistas, jornalistas, humoristas, críticos da atualidade, os quais precisam encontrar na língua, os signos que melhor consigam representar o momento histórico, seja para retratá-lo, seja para criticá-lo. Desse modo, ao produzirem novos vocábulos, os sujeitos estão em busca de signos mais expressivos na língua. Acerca disso, Basilio (2003) apregoa que formamos novas palavras, porque, no momento em que a necessidade apareceu, as unidades mais adequadas para expressar o fato vivenciado não estavam disponíveis em nossa língua.

Em relação ao domínio associado (princípio c), vislumbramos que as palavras em análise são criadas para retratar temas polêmicos que se

associaram à pandemia: o uso não comprovado do remédio cloroquina no combate ao coronavírus defendido pela médica Nise Yamaguchi durante a pandemia, representado por “cloronise”; o fato dos apoiadores (apelidados de gado) do presidente da época, Jair Bolsonaro, não seguirem os protocolos da saúde, indicando remédio sem comprovação científica (cloroquina), disseminando o vírus como consequência, representado por “chloroquiners” e “coronagado”; o evento esportivo Copa América 2021 ter sido realizado no Brasil, com o apoio do presidente daquele momento, em um cenário em que as entidades responsáveis pelo combate à Covid-19 aconselhavam a não promover aglomerações, representado por “cloroquito”; as pessoas participando de festas clandestinas, ignorando os protocolos de saúde, representado por “coronafest”; a composição “clorocana” que, ao promover a junção das palavras cloroquina e cana (bebida alcoólica derivada da cana-de-açúcar), promoveu um tom humorístico e crítico aos defensores de um fármaco não aprovado pela comunidade científica, mas que mesmo assim foi defendido por uma parcela da sociedade. Exceto o vocábulo “coronials”, as palavras apresentadas nesse estudo foram criadas para melhor expressarem as críticas que estavam sendo feitas a temas polêmicos, que dividiam a opinião dos indivíduos em diferentes áreas: saúde, esporte, lazer, ciência e política. Em relação ao termo “coronials”, segundo a reportagem veiculada no site da revista *Veja* em 30 de abril de 2021, essa

palavra foi cunhada por especialistas em analisar as gerações para retratar o nascimento das crianças na época do coronavírus, evidenciando a necessidade de pensar em um termo capaz de marcar a geração que nasceu no momento histórico em foco.

A materialidade desses enunciados (princípio d) consiste na associação das palavras ligadas à pandemia, a saber, coronavírus e o fármaco cloroquina, com temas do cotidiano, na busca de realizar críticas, humor, escárnio, dentre outros. Nesse sentido, vislumbramos que não foram arranjos aleatórios e despreziosos: eles constroem efeitos de sentidos acerca do momento histórico. Exceto o vocábulo “coronials”, as demais composições apresentadas foram utilizadas a fim de materializar o discurso de humor ou de crítica social a diferentes discursos (política, futebol, ciência, lazer, corrupção, negacionismo científico, dentre outros). O discurso crítico e o discurso de humor desejam ser impactantes para chamar a atenção do interlocutor e, para isso, valem-se de todos os artifícios da linguagem verbal e não verbal, extrapolando os seus significados mais comuns. Em relação à linguagem verbal, observamos que as

palavras criadas demonstram o trabalho do profissional chargista, jornalista, crítico em produzir sentidos sobre a contemporaneidade: cloronise (cloroquina + médica defensora da cloroquina Nise Yamaguchi); coronagado (coronavírus + gado, termo usado para identificar os apoiadores de Jair Bolsonaro); cloroquito (cloroquina + sufixo “-ito” que indica o diminutivo de algo, usado em tom pejorativo ou depreciativo); coronafest (coronavírus + festas clandestinas realizadas durante a pandemia); clorocana (cloroquina + cana, bebida alcoólica derivada da cana-de-açúcar); chloroquiners (cloroquina + er. Em inglês, o sufixo –er transforma substantivos em agentes) e coronials (coronavírus + al. Em inglês, o sufixo –al transforma substantivos em adjetivos). Se olharmos para a linguagem imagética, perceberemos que foi algo arquitetado: cada imagem foi pensada visando produzir sentidos que coadunam com os enunciados apresentados pela materialidade linguística.

3) Modificações na estrutura da língua.

Para tratar desse tema, elegemos os enunciados “Eu me vacinei” e “Testei positivo para a Covid”:

Figura 3 - Arranjos linguísticos evidenciados pela pandemia.



Fonte: Barbiesemkenreal ([2021]); Quipapá (2021); Iramaia (2020); Pablo Vittar (2021).

Enunciados como “minha mãe vacinou”, “me vacinei”, “testei positivo para a Covid” foram usados pelos brasileiros durante a pandemia. Esta-

mos diante de alterações estruturais que a língua portuguesa vem sofrendo nos últimos tempos e que ficaram em evidência por ocasião do momento

pandêmico. Tal fato denuncia um modo singular de existência (critério a) para esses enunciados: a língua está se transformando e suas modificações ganharam destaque a partir do momento histórico, denunciando espaços de diferenciação e singularidade para referidos enunciados.

Em relação à posição de sujeito (critério b), vemos que, em geral, não temos uma posição específica para enunciar esses enunciados. Trata-se de uma posição de sujeito que pode ser ocupada por qualquer indivíduo: médicos, cidadão comum, celebridades, enfim, pessoas em busca do enfrentamento da doença. Estamos diante de uma posição de sujeito que está em busca da melhor expressividade dos fatos e, para isso, vale-se de estruturas linguísticas que representam o momento.

No tocante ao domínio associado (critério c), notamos que os enunciados em estudo saíram do discurso médico-científico e foram circular em outros campos: convívio social (afastar-se de pessoas desagradáveis), militância política (criticar o presidente Jair Bolsonaro por fazer campanha contra a vacina), responsabilidade social (não transmitir o vírus), preconceito (não ter preconceito com quem contraiu o vírus), empatia e solidariedade (acolher quem contraiu o vírus). Ademais, possibilitou que o discurso linguístico fosse convocado para realizar a análise dessas alterações nos arranjos sintáticos, tecendo uma trama entre discursos de campos diversos.

Sobre a existência material (critério d), vemos que, nos enunciados “minha mãe vacinou” e “me vacinei”, o sujeito da oração parece ter a função de agente, já que o verbo está na voz ativa. Porém, nesse caso, o sujeito não é o responsável pela ação. Provavelmente, os sujeitos gramaticais “a mãe” ou “me” receberam a vacina aplicada por outra pessoa. Nesse sentido, a frase que segue as regras estabelecidas pela gramática tradicional deveria estar na voz passiva (“eu fui vacinado/a por alguém” ou “minha mãe foi vacinada por *fulano*”). Contudo, não é o que está acontecendo, como podemos observar nos exemplos apresentados. Em relação ao enunciado “testar positivo para a Covid”,

notamos que o verbo “testar” vem emergindo sem o objeto direto. Por se tratar de um verbo transitivo direto, “testar” deveria aparecer com o complemento verbal, como podemos observar nos exemplos a seguir: “o cientista testou a nova vacina”, “o mecânico testou o novo motor”. No entanto, observamos que as regras gramaticais do português estão sofrendo modificações e a pandemia as deixou em evidência, chamando a atenção para as transformações linguísticas.

Conclusão

É possível concluir que a noção de função enunciativa se mostrou uma ferramenta de análise muito eficaz para compreender a relação entre a língua e a história, uma vez que proporcionou um olhar certeiro sobre os modos singulares de existência dos enunciados os quais emergiram com a pandemia. Somado a isso, a noção de historicidade (Foucault, 2008) nos fez entender o porquê certos enunciados puderam surgir e não outros em seu lugar. Inspirados nesses conceitos, fizemos uma seleção de enunciados que povoaram o dizer dos sujeitos no momento histórico descrito. Lançamos um olhar apurado sobre o modo de existência, o surgimento ou até mesmo as ressignificações de alguns enunciados manifestados na pandemia. Foucault (2006) assinala que é preciso mostrar como os enunciados se formam, modificam-se, deslocam-se; qual foi a regra que fez que eles aparecessem, que variassem. Procuramos seguir esses ensinamentos, e o resultado encontrado foi que, vislumbramos os falantes, de modo orgânico e espontâneo, apropriando-se do léxico e realizando mudanças vívidas, adequando a língua à historicidade.

A influência da esfera pandêmica nos fatos linguísticos tem data de validade: haverá um momento em que as pessoas deixarão de falar/escrever sobre esse acontecimento. A pandemia agindo sobre o nosso dizer não será eterna. Haverá ainda a emergência de novos enunciados que se associem fortemente ao tema em questão, mas esse fenômeno perderá força e deixará de exercer influência

sobre os fatos linguísticos. Novos significados surgirão fora do contexto de pandemia, mas ainda que tenham a raiz nesse acontecimento, não deixarão de produzir ecos de um momento histórico muito significativo para a humanidade.

Por fim, a presente análise discursiva nos mostrou que, para além das mudanças significativas ocorridas na língua, devemos estar atentos à produção de sentidos em nossa sociedade. É muito importante refletirmos sobre os discursos que circulam acerca dos acontecimentos e quais posições de sujeitos defendem tais discursos. A referida reflexão abre um horizonte de interpretações e análises acerca dos sentidos que nos cercam. Os discursos, partindo das mais variadas posições de sujeito, possibilitam que encontremos vieses e saibamos como nossas ponderações são pautadas por domínios discursivos. É importante que as pessoas consigam decifrar, através dos discursos recebidos, qual é o modo singular de existência que origina um enunciado e como ele impacta as nossas vidas; quem é o sujeito que propõe tal enunciado, o que ele representa e o que ele visa ao dizer o que diz.

Referências

- A PESSOA confinada aqui. *Mensagens maravilhosas*, [S. l.], 2021. Disponível em: <https://www.mensagensmaravilhosas.com/2021/03/a-pessoa-confinada-aqui.html>. Acesso em: 22 mar. 2021.
- ALGUNS idiotas até hoje ficam em casa, diz Bolsonaro sobre isolamento. *A Gazeta*, São Paulo, 17 maio 2021. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/brasil/alguns-idiotas-ate-hoje-ficam-em-casa-diz-bolsonaro-sobre-isolamento-0521>. Acesso em: 17 maio 2021.
- ARAÚJO, Pedro Zambarda de. Coronafest. Por Jota Camelo. *DCM*. [S. l.], 13 mar. 2020. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/coronafest-por-jota-camelo>. Acesso em: 15 abr. 2022.
- BARBIESEMKENREAL. [*Pronto me vacinei*]. [S. l., 2021]. Instagram: @barbiesemkenreal. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CTh6_fqLyJU/. Acesso em: 22 abr. 2022.
- BASILIO, Margarida. *Teoria lexical*. 7. ed. São Paulo: Ed. Ática, 2003.
- BRAUN, Julia. Nascidos na pandemia: coronials, a geração que veio ao mundo após o vírus. *Veja*, São Paulo, 30 abr. 2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/nascidos-na-pandemia-coronials-a-geracao-que-veio-ao-mundo-apos-o-virus/>. Acesso: 15 abr. 2022.
- BUTECO DO MAX. *Eis aqui a "Clorocana"*. Pirapora, 1 jan. 2021. Facebook: @butecodomax. Disponível em: <https://www.facebook.com/171634693560086/posts/775533289836887/>. Acesso em: 15 abr. 2022.
- CAPOBIANCO, Marcela. Está em carentena? Como surgiram as gírias nascidas durante a pandemia. *Veja Rio*, Rio de Janeiro, 17 jul. 2020. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/cidade/gurias-pandemia/>. Acesso em: 15 abr. 2022.
- CHARGISTASSENSATOS. *Corona gado*. [S. l.], 22 jul. 2021. Instagram: Chargistassensatos. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CRoiBVALOkL/>. Acesso em: 15 abr. 2022.
- CHOMSKY, Noam. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge: MIT Press, 1965.
- DRCLAUDIOWIENS. [*Não precisa sair de casa*]. Curitiba, 2020. Instagram: @drclaudiowiens. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-IuUqhleNX/>. Acesso em: 24 mar. 2020.
- DULCOLAX lança campanha sobre o impacto das mudanças na rotina para a saúde intestinal. *Grandes Nomes da Propaganda*, São Paulo, 20 jan. 2021. Disponível em: <https://grandesnomesdapropaganda.com.br/anunciantes/dulcolax-lanca-campanha-sobre-o-impacto-das-mudancas-na-rotina-para-a-saude-intestinal/>. Acesso em: 20 jan. 2021.
- ESTE ano é cada um na sua toca! Feliz Páscoa. *Frases para Pensar*, [S. l.], 2021. Disponível em: <https://frasesparapensar.com.br/mensagem-de-feliz-pascoa/>. Acesso em: 20 ago. 2021.
- FARMÁCIAS VALE VERDE. *Não saia de casa, a gente vai até você*. Londrina, 7 mar. 2021. Facebook: @farmaciasvaleverde. Disponível em: <https://m.facebook.com/farmacias.valeverde.3/photos/n%C3%A3o-saia-de-casa-a-gente-vai-at%C3%A9-voc%C3%AA-a-entrega-at%C3%A9-300m-da-loja-%C3%A9-gr%C3%A1tisa-vale-/2474196526059554/>. Acesso em: 7 mar. 2021.
- FLÁVIA CABRAL. *Vinho? Cerveja? Não, é vacina!* [S. l., 2021]. Instagram: @profafaviacabral. Disponível em: <https://www.instagram.com/profafaviacabral>. Acesso em: 15 abr. 2022.

- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 13. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- GREGOLIN, Maria do Rosario Valencise. Michel Foucault: o discurso nas tramas da História. In: FERNANDES, C.; SANTOS, J. B. C. (org.). *Análise do discurso: unidade e dispersão*. Uberlândia: Entre-meios, 2004a. p. 19-42.
- GREGOLIN, Maria do Rosario Valencise. *Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso: diálogos e duelos*. São Carlos: ClaraLuz, 2004b.
- IFUNNY. [2020]. Disponível em: <https://br.ifunny.co/tags/arra%C3%A1>. Acesso em: 18 jun. 2020.
- IRAMAIA. Prefeitura Municipal. *Não julgue quem testou positivo para Covid-19*. Iramaia: Secretaria Municipal de Saúde, 2020. Disponível em: www.iramaia.ba.gov.br/site/Noticias/noticia-270520201219481681-N-O-JULGUE-QUEM-TESTOU-POSITIVO-PARA-COVID-19. Acesso em: 15 abr. 2022.
- IRONIA DOS MINIONS. [*Denticasa é denticasa*]. [S. l.], 10 abr. 2020. Facebook: @ironia dos minions. Disponível em: https://zh-cn.facebook.com/Ironia dosMinions.Of/posts/2699229253657813?_rd. Acesso em: 30 dez. 2020.
- MARIALOURDESSIMAO102019. *Planta cu em casa*. [S. l.], 14 ago. 2020. Facebook: @marialourdes-simao102019. Disponível em: <https://www.facebook.com/marialourdessimao102019-104788947859719/videos/planta-cu-em-casa/1274447909562399/>. Acesso em: 14 ago. 2020.
- MMOCANUS. *Enquanto isso, na CPI...* [S. l.], 1 jun. 2021. Instagram: @mmocanus. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CPlbx-MnZvK/>. Acesso em: 15 abr. 2022.
- NANDO MOTA. Sobre ficar em casa. *Brasil 247*, [S. l.], 2021. Disponível em: <https://www.brasil247.com/charges/sobre-ficar-em-casa>. Acesso em: 4 jan. 2021.
- OLAVO OLIVEIRA. [*Cloroquito*]. Brasília, 31 maio 2021. Instagram: @Olavooliveiraof. Disponível em: <https://mobile.twitter.com/Olavooliveiraof/status/1399485447663927297/photo/1>. Acesso: 15 abr. 2022.
- PABLO VITTAR. *Minha mãe vacinou e eu tô muito feliz!* [S. l.], 2021. Twitter: @pablovittar. Disponível em: <https://twitter.com/pablovittar/status/1393169223082561541>. Acesso em: 15 abr. 2022.
- PARÓQUIA N. SRA. DE GUADALUPE. *Recolham-se*. Maringá, 2022. Facebook: @paróquia n. sra. deguadalupe. Disponível em: https://www.facebook.com/GuadalupeMaringa/photos/?ref=page_internal. Acesso em: 15 abr. 2022.
- PELAS ESTRADAS DE MINAS. *Cês Fica Quétim Dêndicasa... qui o trem tá fei!!!!*. [S. l.], 15 mar. 2021. Facebook: @pelas estradas de minas. Disponível em: <https://www.facebook.com/PelasEstradasDeMinas/posts/4106494616078967>. Acesso em: 15 mar. 2021.
- PREFEITURA DE SALVADOR. *7 perfis de sommelier de vacina*. Instagram: @prefsalvador. Salvador, 5 ago. 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CSNCpV5rY80>. Acesso em: 15 abr. 2022.
- QUIPAPÁ. Prefeitura Municipal. *Testou positivo para a covid-19*. Quipapá: secretaria Municipal de Saúde, 2021. <https://quipapa.pe.gov.br/v1/testou-positivo-para-a-covid-19/>. Acesso em: 15 abr. 2022.
- SÃO GABRIEL. Prefeitura Municipal. *Fique em Casa! É a melhor forma de se afastar do Vírus*. 2020. Disponível em: <http://saogabriel.ba.gov.br/fique-em-casa-e-a-melhor-forma-de-se-afastar-do-virus>. Acesso em: 21 mar. 2020.
- SENADO FEDERAL. *Vai ficar em casa? Aproveite para fazer cursos gratuitos pela internet*. Brasília, DF, 2021. Facebook. Disponível em: https://m.facebook.com/SenadoFederal/photos/a.1769825-05650946/5067813123234502/?type=3&eid=ARCgAEJVua3-Q8WIYW2RaXutXJEno-xvXJD4badTzsPgiMFVvpzEr0AWp6d-u4g7qVH9CRoe_T7-DBNe&locale=ms_MY&_rdr. Acesso em: 11 set. 2021.
- SÍTIO DO QUINTO. Prefeitura Municipal. *Testou positivo para COVID-19?* 2022. Disponível em: <https://www.sitiodoquinto.ba.gov.br/Site/Noticias/noticia-280120221603382558-Testou-positivo-para-COVID-19-Obede-a-o-isolamento>. Acesso em: 28 jan. 2022.

Recebido em: 6 nov. 2022

Aceito em: 21 jan. 2023